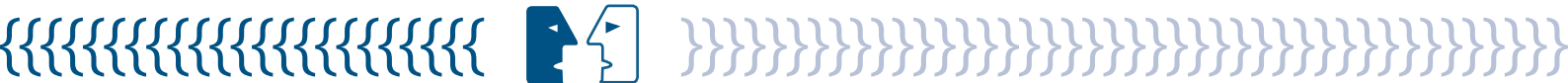


# O Estruturalismo em As Palavras e as Coisas: Uma História Estrutural do Saber<sup>1</sup>

Structuralism in Words and  
Things: A Structural History of  
Knowledge

Pedro Ragusa<sup>2</sup>



**Resumo:** O objetivo deste artigo é reconhecer a presença de um estilo específico de estruturalismo na prática da pesquisa arqueológica de Michel Foucault. O método arqueológico, ao contrário de recorrer a uma prática estruturalista que recuse a transformação e a mudança histórica, correspondeu a um esforço teórico-metodológico para introduzir nos estudos estruturais uma perspectiva histórica. A hipótese que anima essa pesquisa foi mostrar como Michel Foucault escreveu *As Palavras e as Coisas*, com o interesse em realizar um estudo estrutural dos saberes ocidentais, através da adequação do método arqueológico à um estilo de pesquisa estruturalista através de uma história descontínua dos saberes.

**Palavras-chave:** Estruturalismo; História; Saber; Epistemologias.

**Abstract:** The aim of this article is to recognize the presence of a specific style of structuralism in the practice of archaeological research by Michel Foucault. The archaeological method, as opposed to resorting to a structuralist practice that refuses historical transformation and change, corresponded to a theoretical-methodological effort to introduce a historical perspective into structural studies. The hypothesis that animates this research was to show how Michel Foucault wrote *The Words and the Things*, with the interest in carrying out a structural study of Western knowledge, through the adaptation of the archaeological method to a style of structuralist research through a discontinuous history of knowledge.

**Keywords:** Structuralism; History; Knowledge; Epistemology.



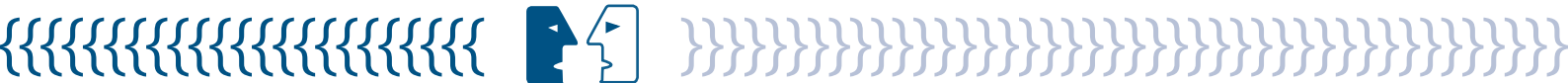
## Introdução

Em 1966 foi publicado *As Palavras e as Coisas*, livro em que Michel Foucault problematizou as Epistemes e os discursos sobre os saberes internos a elas, tanto como tema, através de uma *história das ciências*, e também como objeto, a partir de seu “*método*” *arqueológico*. Dessa maneira, o filósofo descreveu a partir de uma análise intradiscursiva e exclusivamente a nível dos discursos, quais foram as condições históricas para o aparecimento, funcionamento e ruptura epistemológica entre os saberes de diferentes épocas. Nesse sentido, as descrições arqueológicas realizadas por Foucault em *As Palavras e as Coisas*, permitem delimitar um Michel Foucault *praticante*, e ao mesmo tempo, *historiador* do *Estruturalismo*<sup>5</sup>, realizando um trabalho similar ao dos historiadores das ciências como Canguilhem, ao traçar uma história descontínua das ciências através da descrição de “estruturas do saber” chamadas por Epistemes.<sup>4</sup> (FOUCAULT, 2007b, p. 475-536).

Dessa maneira, não foi sem razão que o filósofo declarou em uma entrevista na Tunísia em 1967, “Fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo” (FOUCAULT, 2013d, p. 62). O desenvolvimento dessa perspectiva *histórico-epistemológica* sobre o surgimento dos saberes foi posto com o seguinte objetivo: mostrar, através de uma descrição sobre a organização dos saberes, quais foram as condições histórico-epistemológicas que possibilitaram o aparecimento do “homem” na função de sujeito e objeto dos saberes no campo científico moderno.

Para realizar essa descrição sobre a história das ciências, Michel Foucault não partiu do sujeito (homem) como fundamento e princípio do saber, isto é, o sujeito enquanto ser-consciente do esclarecimento, mas ao contrário, o filósofo procurou mostrar através de uma descrição estrutural, como foi possível o aparecimento do homem como objeto e resultado da organização dos saberes. Dessa forma, o filósofo partiu da seguinte questão: Como foi possível a organização e a modificação histórica dos saberes no interior das Epistemes que possibilitaram o aparecimento do homem? Assim, para descrever o aparecimento do objeto homem ao campo dos saberes, foi necessário ao filósofo descrever como se deu em épocas históricas anteriores a modernidade a organização das relações discursivas entre os saberes, e a partir disso, mostrar como o homem somente pôde surgir enquanto objeto ao campo do saber na época moderna.

Nesse sentido, o aparecimento do *Estruturalismo* ao campo do saber



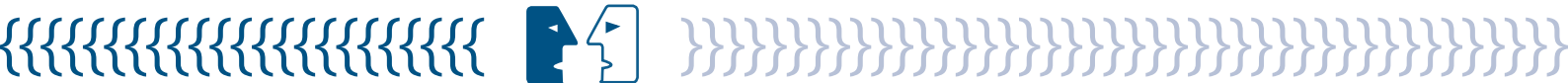
representou a última etapa da história das ciências na modernidade, e o ponto culminante da trajetória rumo ao esclarecimento da consciência *crítica e racional* originária na modernidade, tendo como marco originário o corte epistemológico promovido com a introdução da filosofia de Kant. Entretanto, o aparecimento do Estruturalismo somente foi possível com o surgimento no espaço do saber epistemológico moderno das chamadas contra-ciências. Mas paradoxalmente, as contra-ciências destituíram o homem de sua posição como figura central no saber moderno, dissolvendo a tradicional noção do sujeito como o sólido fundamento pelo qual se constituiu a razão e o saber no pensamento filosófico moderno.

### **O objeto “Estruturalismo”: Uma Arqueologia do aparecimento do Estruturalismo**

Realizar uma descrição estrutural sobre diferentes formações discursivas dos saberes modernos. Essa foi a estratégia adotada por Michel Foucault para fazer do Estruturalismo o objeto de sua pesquisa, e a referência teórico-metodológica para uma história descontínua dos saberes. O objetivo do filósofo foi mostrar, como, e em que condições históricas campos discursivos articulados entre si, como a Biologia, a Economia Política e a Filologia, possibilitaram o surgimento do homem e das ciências humanas internamente à Episteme Moderna. Isto é, após o surgimento do homem e das ciências humanas no século XIX, desenvolveu-se um campo discursivo “reativo” as positivities das ciências humanas no século XX chamado de “*contra-ciências*”. As contra-ciências<sup>5</sup> produziram de maneira “comum”, uma linguagem e uma metodologia estrutural através da introdução dos diversos conceitos de Estrutura no campo científico contemporâneo (FOUCAULT, 2007b).

Dessa maneira, a Episteme Moderna representou um marcador histórico-epistemológico para isolar e descrever os discursos científicos associados as *contra ciências*, as quais, corresponderam ao conteúdo científico responsável pela dissolução de noções tradicionais no campo da ciência e da filosofia como: sujeito, sentido e consciência.

As ciências que conseguiram desempenhar a tarefa de crítica aos fundamentos da positividade conceitual sobre o objeto “homem” foram: a psicanálise, a etnologia e a linguística. Essas três disciplinas chamadas “contra-ciências”, podem ser claramente identificáveis e reconhecidas ao que se chamou por estruturalismo(s). Linguística, Psicanálise e Etnologia encontraram na noção



de teórica de Estrutura um metodologia capaz de delimitar modelos estruturais para compreensão da linguagem, de uma cultura como também da psique de um indivíduo, nesse sentido é que se falou no programa estruturalista como uma espécie de último estágio da *consciência crítica das ciências humanas*, pois, foi justamente com o aparecimento do estruturalismo como a manifestação de um hiper-racionalismo que a própria noção de *consciência do sujeito* pôde ser abandonada diante das perspectivas estruturais.

Ademais, a linguística forneceu às contra-ciências a “chave” para formalização de seus objetos justamente por não ser uma ciência humana, assim, ao se situar no exterior do homem a linguística pôde realizar uma análise sobre a linguagem independente do sujeito. Quando Foucault diz que a linguística se localiza no exterior do homem, significa que o discurso da linguística se ocupa com uma estrutura anterior e exterior à linguagem consciente, pela qual, o homem pode pensar e falar, assim, a linguística, tanto quanto a psicanálise ou a etnologia, não falam do próprio homem, mas de saberes inconscientes em um espaço no qual o homem surge como figura. Essas três ciências dizem respeito então aos discursos que dissolvem o homem em um conjunto de funções demarcados por regras, leis, desejos, finitude, linguagem e inconsciente. Ao desenvolverem suas análises estruturalistas, as contra-ciências anunciaram a morte e o fim do homem, daquele homem cuja a positividade as ciências e a filosofia moderna tentou encontrar (ARAÚJO, 2008. p. 55).

Portanto, as contra-ciências, a partir da disponibilidade teórico metodológica para formalização do discurso originária na linguística estrutural, desenvolveram por analogia, modalidades de análises científicas através de noções teóricas e práticas metodológicas delimitadas recorrentes ao conceito de Estrutura (STRAUSS, 2008), esse movimento científico no interior das ciências humanas resultou no termo genérico *Estruturalismo*, isto é, um novo programa teórico-metodológico para o saber filosófico científico (VALLEJO, 2011, p. 137-185).

Em *As Palavras e as Coisas*, podemos encontrar no capítulo X, intitulado: *As Ciências Humanas*, a colocação da seguinte problemática por Michel Foucault: Como foi possível, na Episteme Moderna o desenvolvimento de uma problemática científico-filosófica que colocou no lugar do objeto “homem” a linguagem (ser da linguagem)?

Foucault responde a essa questão descrevendo um complexo rearranjo estrutural entre os saberes após o desenvolvimento das contra-ciências, o qual, permitiu o aparecimento de uma forma de consciência científica onde o sujeito desaparece como “Ser consciente do saber” em detrimento de um “Inconsciente



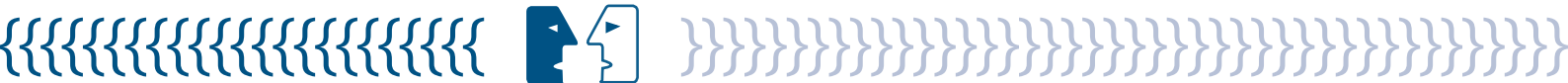
para o saber”. O Estruturalismo apareceu como a “materialização” teórico-metodológica para reflexão desse estágio do desenvolvimento científico que retirou a consciência do homem do fundamento para a produção do saber, para lá encontrar a linguagem.

Assim, o Estruturalismo aparece como produto da cultura e do pensamento ocidental, a partir do momento em que na modernidade foi a linguagem quem ocupou o lugar central para a constituição do saber moderno, e pelo qual toda a Episteme se organiza e todo pensamento torna-se possível (FOUCAULT, 2007b). Dessa maneira, a famosa e muitas vezes citada passagem de *As Palavras e as Coisas*, “O estruturalismo não é um método novo, é a consciência desperta e inquieta do saber moderno” (FOUCAULT, 2007b, p. 414), deixa claro como a partir de uma história das ciências realizada pelo filósofo, o estruturalismo pôde ser apresentado como um resultado e *ponto de chegada* para a consciência racional moderna.<sup>6</sup>

Michel Foucault, através de sua pesquisa arqueológica de 1966, apontou para uma importante conclusão compartilhada com os estruturalistas: *o saber, enquanto modalidade do discurso não possui um sujeito que lhe formule, e lhe de sentido e significação*. Dessa forma, aproximando-se dos grandes pensadores estruturalistas do período, Foucault ressalta a importância das pesquisas de Lacan e Lévi-Strauss em ter demonstrado como através de relações entre discursos, sempre serão, “as estruturas, o próprio sistema da linguagem – e não o sujeito – que falam [...] antes de todo pensamento humano, já haveria um saber, um sistema, que redescobrimos [...]” (FOUCAULT, 2011d, p. 146).

[...] digamos que o estruturalismo explora, sobretudo, uma linguagem, da obra literária e do conhecimento [...]. Podemos dizer que se pesquisam essencialmente as formas, o sistema, ou seja tentamos fazer ressaltar as correlações lógicas que podem existir entre um grande número de elementos pertencendo a uma língua, a uma ideologia (como na análise de Althusser), a uma sociedade (como em Lévi-Strauss) ou o a história dos diferentes campos de conhecimento, no que eu próprio trabalhei. (FOUCAULT, 2011c, p.160)

Nessa direção, seja através de um interesse por formas discursivas estruturadas pela linguagem em obras literárias e narrativas míticas, ou, como fez Michel Foucault, ao problematizar em sua abordagem a estrutura do espaço epistemológico pelo qual se estabelecem as relações discursivas históricas sobre os saberes.



Dessa maneira, todas essas “formas de estruturas discursivas” originárias com as “contra-ciências” poderiam com a introdução de análises de cunho estrutural serem reconhecidas e compreendidas, assim, foi através desse processo de reorganização epistemológica contemporâneo que surgiu o estruturalismo como forma de pensamento e método<sup>7</sup>. Nesse sentido, o estruturalismo surgiu como produto da cultura e do pensamento ocidental, correspondendo a última e mais “sofisticada” etapa do pensamento moderno. A emergência do estruturalismo foi cronologicamente posterior a da fenomenologia, contudo, o impacto epistemológico no campo científico possibilitado pela emergência do estruturalismo ocorreu na mesma *ordem epistêmico*<sup>8</sup> da filosofia fenomenológica. Mas ao contrário do que propôs a fenomenologia enquanto filosofia do sujeito, os estudos estruturalistas colaboraram para a crítica e dissolução de qualquer forma de filosofia centrada no sujeito (FOUCAULT, 2007b).

Portanto, o estruturalismo foi tematizado como um dos objetos centrais na descrição arqueológica realizada por Michel Foucault, historicamente situado como resultado da distribuição epistemológica dos saberes modernos e diagnosticado como *personagem teórico* que compôs uma etapa atual da história do pensamento filosófico e científico de nossa cultura contemporânea.

### **O Estruturalismo como método Histórico-Epistemológico para uma Arqueologia dos Saberes**

Após a delimitação sobre o Estruturalismo como um produto da cultura intelectual científica, abordado como um *objeto* reativo as ciências humanas e ponto de chegada da consciência racional contemporânea através das descrições arqueológicas desenvolvidas em *As Palavras e as Coisas*. O objetivo nesse item é mostrar como a *arqueologia dos saberes* foi utilizada como um procedimento de pesquisa correlato a nível *metodológico* das análises estruturalistas.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, esteve motivado pelo interesse de realizar uma história (arqueologia) dos discursos sobre as ciências através de uma abordagem *descontínua* sobre a temporalidade (FOUCAULT, 2013a, p. 155-156), isto é, mostrar as relações discursivas que fizeram aparecer e desaparecer os saberes que resultaram no surgimento do *homem*, das *ciências humanas* e do *estruturalismo*<sup>9</sup>. Para realizar essa tarefa, o arqueólogo dos saberes pôde descrever exclusivamente conjuntos de relações histórico-discursivas (*enunciados*) entre os saberes *científicos*, *filosóficos* e *literários* produzidos pela cultura ocidental entre três Epistemes.





Com essa temática definida para análise arqueológica, Michel Foucault pôde mostrar, de que maneira foram constituídas historicamente as diferentes formações discursivas dos saberes ocidentais, assim, a descrição arqueológica foi feita sobre o “rearranjo” estrutural das relações posicionais estabelecidas historicamente e topologicamente entre os discursos dos saberes que compõem determinada *Episteme*.

Dessa maneira, a partir da distinção que apresentamos como diferença teórica e metodológica entre o *Estruturalismo Linguístico* e a *Arqueologia dos Saberes*, posta pela distância conceitual entre *Estrutura Linguística* e *Episteme*, vamos mostrar nesse item, levando em consideração que o Estruturalismo na abordagem foucaultiana parte de um fundamento histórico para a objetivação da noção de *Episteme*: Como Michel Foucault desenvolveu em sua arqueologia dos saberes uma prática de pesquisa em nível teórico-metodológico próximo (epistemologicamente) ao Estruturalismo?.

Em uma entrevista em 1967, Michel Foucault delimita o objetivo de sua pesquisa e a proposta metodológica empregada em *As Palavras e as Coisas*<sup>10</sup>. De acordo com o próprio filósofo, essas descrições foram possíveis de serem praticadas a partir da introdução de uma metodologia e de uma linguagem estruturalista em domínios como o da história das ideias e das ciências (FOUCAULT, 2013d, p. 60).

O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria. Nessa medida, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo (FOUCAULT, 2013d, p.62).

A citação acima corresponde a uma espécie de resumo geral do livro de 1966, Foucault fez uma referência com relação aquilo que ele havia feito, tanto do ponto de vista metodológico, como também, com relação a um dos objetivos que sua análise o conduziu em *As Palavras e as Coisas*. Dessa forma, não foram poucos os leitores e comentadores dos escritos e do pensamento de Michel Foucault, que leram em seu trabalho arqueológico aspectos e características que permitiram o reconhecimento de desenvolvimento de análises estruturais-epistemológicas durante suas histórias arqueológicas ao fazer uma história das ciências sobre o próprio Estruturalismo (DELEUZE, 1973).

Durante a pesquisa arqueológica, o filósofo desenvolveu uma prática analítica-descritiva semelhante aquelas realizadas em análises do tipo





estruturalista, dessa maneira, a partir de *uma técnica para isolar determinadas relações discursivas*<sup>11</sup>, desde que sejam correlativas e possam compor um quadro, ou uma série entre os discursos. Com a introdução dessa técnica estruturalista para análise dos discursos, foi possível ao arqueólogo deixar em relevo *as mudanças nas regras estruturais* para organização dos discursos no decorrer do tempo (FOUCAULT, 2013f, p. 299).

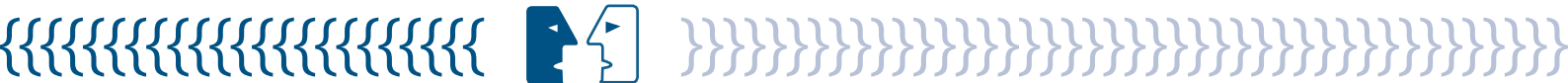
Assim, Michel Foucault pôde *fazer do Estruturalismo um duplo* em *As Palavras e as Coisas*. Isto é, ao mesmo tempo que o interesse pelo estruturalismo como mostramos representou um dos objetos de sua pesquisa, tendo em vista que o estruturalismo correspondeu a última e mais contemporânea etapa para uma história das ciências, somou-se a essa perspectiva, o interesse em compor um *método híbrido* de pesquisa entre o Estruturalismo e a Epistemologia. Dessa maneira foi possível realizar uma *arqueologia* sobre saberes com a introdução no campo da história de uma análise histórico-estrutural, cuja abertura e alcance teórico-metodológico lhe possibilitou mostrar as rupturas e transformações epistemológicas que ocorrem de maneira descontínua na história das ciências.

Com essa técnica empregada na abordagem descritiva dos discursos, pode-se conhecer os “limites” entre as formas de linguagem que delimitaram a existência histórica das diferentes epistemes. Ou seja, é no espaço limiar, onde ocorrem as transformações a partir das mudanças linguísticas-epistêmicas, que podem ser encontrados e isolados os conteúdos discursivos para uma análise *estrutural-histórica* das transformação, mudanças e rupturas para aparecimento de uma nova ordem para o saber (FOUCAULT, 2014c, p. 30).

Portanto, diante das circunstâncias metodológicas e temáticas expostas, torna-se possível considerar Michel Foucault como um praticante de um estilo singular de análise estrutural, isto é, momentaneamente ao desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica o estruturalismo pode lhe servir como componente metodológico a partir de uma temática disponibilizada pela história das ciências, para mostrar o aparecimento do próprio estruturalismo ao campo dos saberes em *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 2007b).

### **Mudança e Ruptura: A Arqueologia dos Saberes como prática estruturalista**

Michel Foucault afirmou ter introduzido análises do tipo estrutural nos domínios da história para fazer uma história filiações discursivas relativas as ciências humanas (FOUCAULT, 2013d). Dessa maneira, a problemática



que vamos desenvolver nesse item parte da seguinte questão: Como Michel Foucault pôde se utilizar de um método Histórico-Estruturalista para explicar as rupturas e mudanças de maneira descontínua entre uma Episteme e outra?<sup>12</sup>

O método estruturalista na abordagem e apropriação feita por Foucault em sua pesquisa arqueológica foi desenvolvido com um interesse em mostrar transformações históricas não percebidas pelos tradicionais métodos históricos amparados na causalidade, na dialética e na percepção do tempo contínuo e linear. Mas através do método arqueológico, Foucault realizou descrições documentais sobre formações discursivas heterógenas e pôde “ampliar” a periodizações dos acontecimentos, permitindo a análise de transformações e rupturas históricas não percebidas pelos métodos tradicionais sobre a história. (FOUCAULT, 2013d). Isto é, a partir de uma nova leitura documental que faça aparecer “séries” ou “quadros” históricos mais amplos, pelo qual, novos acontecimentos e transformações históricas podem ser conhecidos (FOUCAULT, 2007b, p. 8-9).

Michel Foucault preservou o sentido histórico e transformável (topológico) das relações discursivas que constituem os saberes de uma época. (DREYFUS; RABINOW, 2010). Com essa técnica, a apropriação do estruturalismo na arqueologia dos saberes mostrou como as relações entre os discursos e a formação dos saberes, obtém seu fundamento teórico-metodológico em uma análise centrada na descrição dos discursos com a intenção contrária em isolar elementos, relações e Estruturas, para mostrar o “não-sentido e a aleatoriedade significativa dos discursos”.

Dessa forma o “arqueólogo-estruturalista” deve observar e descrever as condições de produção e existência dos discursos sobre os saberes entre uma Episteme e outra, mas não para “positiva-los” em seus conteúdos significativos no que se refere a produção de verdades sobre os discursos legitimados cientificamente (DREYFUS; RABINOW, 2010, p.115). Mas, para colocá-los em *relação correlativa*, isto é, demarcar a “dispersão” dos sentidos dos discursos através do processo de “ruptura epistêmica” entre o sentido-significativo dos discursos descritos e o restabelecimento de uma nova ordem epistêmica. Assim, a arqueologia mostra como foram estabelecidas as *diferenças* entre as práticas discursivas e os discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos, isto é, através da descrição das regras que determinaram o aparecimento descontínuo dos discursos nas Epistemes.

Dessa forma, ao contrário de uma concepção linear sobre a história das ciências, o “estruturalismo-histórico” introduzido na arqueologia mostra as



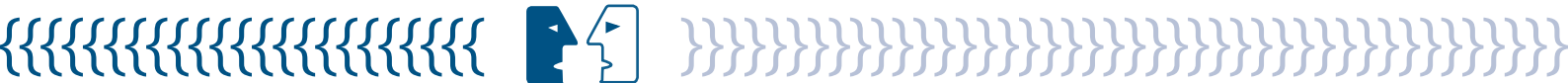
descontínuas transformações históricas que ocorrem entre um período e outro e em campos discursivos diferentes. Essas transformações descontínuas devem ser compreendidas, *não como transformações derivadas ou consequenciais* com relação aos saberes anteriores, mas, trata-se de transformações discursivas que mostram rupturas abruptas entre relações discursivas, as quais expressam transformações *correlativas* entre os saberes de um período e outro.

Assim, o “estruturalismo histórico” de Michel Foucault ao encontrar o limite de ruptura entre Epistemes, mostra mesmo sem apresentar uma explicação causal como se deu a transição de uma Episteme para outra. Michel Foucault não dedicou-se a esclarecer as causas das mudanças e transformações epistêmicas, ele apenas mostrou as sucessões entre diferentes regimes de racionalidade epistêmicos. Essa ausência de explicação não corresponde a uma tendência ao obscurantismo, ou falha teórica por parte do filósofo, pois de acordo com o fundamento de suas descrições, qualquer explicação sobre as causas das mudanças epistêmicas só teria sentido em uma Episteme específica a partir de suas referências, isto é, toda explicação sobre essa mudança em nada acrescentaria na compreensão de uma nova formação epistemológica posterior (DREYFUS; RABINOW, 2010, p. 39).

Podemos exemplificar essa perspectiva de Michel Foucault sobre o estruturalismo como método que possa mostrar a mudança epistêmica, contudo sem explicá-la:

Seja um estado *A* da língua, estado caracterizado por um número certo de traços. Seja atualmente um estado *B*, no qual se constata que houve tal mudança e que, em particular, o elemento *a`* foi transformado em *a``*. Neste momento, os linguistas constatarem que essa mudança é sempre correlativa de outras mudanças (*b´* em *b``*, *c´* em *c``* etc.). A análise estrutural não consiste então em dizer: a mudança de *a`* em *a``* provocou a série de mudanças, *b´* em *b``*, e *c´* em *c``*, e sim: não se pode encontrar a mudança de *a´* em *a``*, sem que haja igualmente a mudança de *b´* em *b``* de *c´* em *c``* etc. [...]. O Estruturalismo – isso acaba de ser dito aqui, dessa vez de maneira sistemática e com vigor – longe de se opor a mudança – ou seja, à história – é apenas uma modalidade de análise da mudança, uma modalidade de análise que a “precipita” de alguma forma e permite dar conta dela (FOUCAULT, 2013b, p. 175).

Dessa maneira, foi possível Foucault se utilizar da arqueologia dos saberes através de uma análise estrutural para mostrar as rupturas e transformações históricas, que postas em uma perspectiva linear e causal sobre a história não seriam reconhecidas<sup>15</sup>. Nesse sentido, a partir dessa perspectiva sobre a



história através de um pensamento estrutural Michel Foucault pôde pensar as relações discursivas entre os saberes que comumente são reunidas em estudos históricos por conjuntos como: séculos, mentalidades e espírito do tempo, mas, na perspectiva arqueológica ocupam e se dispersam em diferentes Epistemes através das reorganizações das regras discursivas de cada período histórico.

Assim, Michel Foucault pôde mostrar como saberes que aparentemente são totalmente distintos e desconexos, possuem pontos de contato e influenciam uns sobre os outros, como por exemplo, com o *triângulo dos saberes* e a constituição da figura do homem. Dessa maneira, ao realizar uma arqueologia dos saberes foi possível estabelecer somente a nível das relações discursivas e não dos objetos, em que condições históricas essas relações se organizam (JAQUET, 2016).

### **Conclusão: Michel Foucault não foi estruturalista, mas esteve no Estruturalismo**

Michel Foucault havia declarado em uma entrevista de 1966 à Madeleine Chapsal, se colocar naquele momento como um apaixonado *pelo conceito, pelo sistema, e por relações lógicas interiores a uma Estrutura*, posição que conseqüentemente o colocou ao lado de “estruturalistas” consagrados como Strauss e Lacan. Tendo em vista o teor da prática metodológica do filósofo desenvolvida com a arqueologia dos saberes, essa declaração de fato representou uma *estratégia de demarcação* para um lugar onde ele poderia situar com legitimidade epistemológica sua arqueologia dos saberes. Isto é, essa declaração não foi posta por um verdadeiro interesse em praticar pesquisas estruturalistas como faziam os demais pesquisadores rotulados como estruturalistas.

De acordo com Foucault, era muito difícil naquele momento entre os anos sessenta, precisar com rigor, o que era, ou, o que não era um trabalho de caráter “estruturalista” em função da enorme variedade de aplicações que foram feitas através dessa metodologia nas ciências humanas naquele período. Contudo, independente sobre como eram de fato essas diferenças internas a cada metodologia, todas essas análises do tipo estrutural constituíram uma oposição epistemológica ao paradigma fenomenológico na França (FOUCAULT, 2011c, p. 159).

Nessa direção, a justificativa da aproximação de Foucault junto aos estruturalistas que de fato realizavam análises através da influência do tradicional estruturalismo de Saussure, foi posta por declarações com um interesse *mais* político-epistemológico, e *menos*, teórico-metodológico. Ou



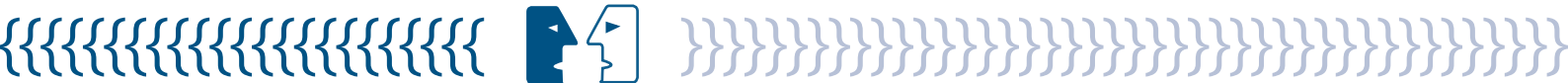
seja, o filósofo procurou situar seu trabalho em *As Palavras e as Coisas*, ao lado de outras pesquisas bem-sucedidas e com um caráter de renovação para o pensamento teórico-metodológico francês em pleno desenvolvimento nesse período.<sup>14</sup>

Esse polêmico posicionamento teórico-metodológico de Foucault entre o que ele de fato fez, e o que ele disse sobre sua metodologia durante sua pesquisa arqueológica, demonstrou um interesse ou uma finalidade em delimitar o “lugar” de suas pesquisas como uma alternativa um programa teórico-metodológico estruturalista<sup>15</sup>. Afinal, a “sagração estruturalista” correspondeu ao desenvolvimento e a consolidação das ciências humanas no campo científico, lugar onde suas pesquisas foram realizadas tanto pela disponibilidade teórico-metodológica quanto pela problemática sobre os saberes. Assim, a intenção em se colocar nos anos sessenta ao lado daqueles que praticavam as análises estruturalistas, correspondeu a “necessidade de legitimação” para seus escritos diante da total desvinculação de seu trabalho e de seu pensamento para com a fenomenologia, e qualquer tipo de filosofia amparada no sujeito.

Dessa forma, cabe dizer com relação a Foucault, que durante seu período de produção da pesquisa arqueológica ele pôde *estar* no estruturalismo sem de fato ser um estruturalista. Pois, dessa forma, ele pôde estar num “lugar”, ou, numa posição teórico-metodológica, pela qual, não foi necessário compartilhar dos pressupostos de uma filosofia, ou prática científica fundada exclusivamente na racionalidade do sujeito. Ao colocar-se numa posição alternativa e ao lado dos estruturalistas, Foucault, pôde desenvolver sua arqueologia dos saberes como um método híbrido entre o Estruturalismo e a Epistemologia.

Nesse aspecto, Michel Foucault sem de fato *ser* um estruturalista, visto que como mostramos sua apropriação teórico-metodológica foi bem diferente daqueles que praticavam análises estruturalistas através do método de Saussure. Foucault pôde desenvolver uma pesquisa que compartilhou componentes dos métodos estruturalistas, mas seu interesse não foi o de analisar Estruturas como fizeram os estruturalistas consagrados através das análises de Estruturas sincrônicas (FOUCAULT, 2013a, p. 159). Em outra entrevista, já em 1969, intitulada, *Michel Foucault Explica seu Último Livro*, podemos encontrar uma descrição do filósofo quanto a composição das pesquisas estruturalistas justamente pelo fato desses trabalhos apresentarem uma recusa a teoria do sujeito, e não necessariamente por praticarem análises estruturais que revelem estruturas-sistêmicas. E pelo qual pode-se inserir seu método arqueológico:

Penso que atualmente o estruturalismo se inscreve no interior de uma



grande transformação do saber das ciências humanas, que essa transformação tem por ápice menos a análise das estruturas do que o questionamento do estatuto antropológico, do estatuto do sujeito, do privilégio do homem. E meu método se inscreve nesse quadro dessa transformação da mesma forma que o estruturalismo – ao lado dele, não nele (FOUCAULT, 2013a, p. 159).

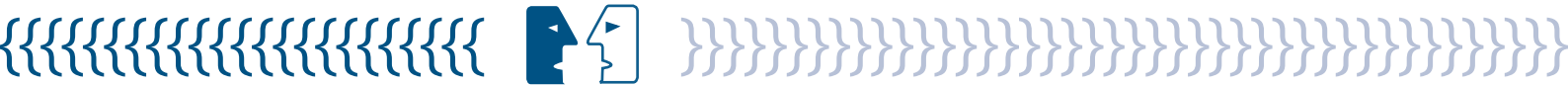
Dessa maneira, a *estratégia* de adesão ao estruturalismo realizada por Michel Foucault não foi desenvolvida necessariamente pelo interesse em praticar análises estruturais, mas, para situar-se junto aos estruturalistas e em oposição aos praticantes da fenomenologia associada ao sujeito. Nesse sentido, a manipulação por parte de Foucault de alguns conceitos durante sua pesquisa arqueológica como: *descontinuidade histórica*, *ruptura epistemológica*, e *estruturas de experiência*, quando usados no contexto dos anos sessenta, lhe renderam uma identificação, entre um pesquisador da história das ciências com um objetivo epistemológico, e ao mesmo tempo, um estruturalista pela aplicação de alguns procedimentos metodológicos estruturais ao descrever o nascimento do próprio estruturalismo, a partir de suas histórias arqueológicas-epistemológicas.

Assim, mesmo que Michel Foucault nunca tenha realizado em suas pesquisas arqueológicas análises das quais ele tenha recorrido ao conceito de Estrutura enquanto *sistema*, ele situou momentaneamente seu trabalho arqueológico ao lado dos trabalhos estruturalistas através introdução de uma linguagem estrutural no domínio da história das ciências. Dessa maneira, a partir de sua perspectiva histórico-estrutural sobre o aparecimento dos discursos posto com a noção de Episteme, o filósofo pôde fazer do Estruturalismo seu objeto de pesquisa e o programa teórico-metodológico para uma arqueologia dos saberes.

A qualificação do pensamento e do trabalho de Foucault em sua pesquisa arqueológica junto ao estruturalismo no contexto de produção de *As Palavras e as Coisas*, representou mais uma aproximação conjuntural a *corrente estruturalista*, que em 1966 chegou ao seu ápice em termos de fertilidade produtiva e recepção crítica pelo campo intelectual, do que necessariamente inserir seu método como uma prática de pesquisa sobre Estruturas como fizeram Strauss e Lacan. Assim, demarcar uma posição teórico-metodológica próxima aos estruturalistas pôde lhe garantir certa legitimidade diante das demais pesquisas estruturalistas desse período, e também um lugar de destaque no movimento científico que estava reorientando o pensamento europeu.

Atuando então a partir de uma prática metodológica semelhante à de um estruturalista junto a uma perspectiva de pesquisa sobre seu objeto (campo





discursivo). Similar ao de um historiador das ciências, o arqueólogo Michel Foucault, ao analisar as relações discursivas através da sucessão histórica e descontínua das Epistemes entre os saberes, realizou em *As Palavras e as Coisas*, um procedimento de análise estrutural sobre a organização dos discursos entre os saberes em de diferentes épocas. Essa tarefa foi realizada a partir da introdução de uma *linguagem estrutural*, com a qual, Foucault pôde descrever numa abordagem histórica-relacional as Epistemes: Renascentista, Clássica e Moderna (FOUCAULT, 2013d, p.62).

Podemos concluir que o estruturalismo ao mesmo tempo em que constitui uma das interfaces teóricas do método arqueológico de Foucault, também foi abordado como um dos *objetos de sua arqueologia*. Assim, através dessa dupla perspectiva Michel Foucault desenvolveu e estabeleceu momentaneamente uma específica relação com o estruturalismo, e como ele mesmo definiu de “distância e reduplicação, ou seja, de distância, já falo dele em vez de praticá-lo diretamente, e de reduplicação, já que não quero falar dele sem falar sua linguagem” (FOUCAULT, 2013d, p. 62), logo, essa estratégia permitiu de maneira singular ao filósofo, *estar* no Estruturalismo, sem *ser* absolutamente um Estruturalista ao desenvolver suas histórias arqueológicas.

## Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora da UFPR, 2008.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? *In*: CHATELET, François. *História da filosofia: ideias e doutrinas: o século XX*. São Paulo: Zahar Editora, 1973. v. 8. p. 239-269.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

FOUCAULT, Michel. Introdução (in Biswanger). *In*: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014a. (Ditos e escritos, v. 1).





FOUCAULT, Michel. A loucura e a sociedade. *In: FOUCAULT, Michel. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014b. (Ditos e escritos, v. 1). p. 235-242.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a. (Ditos e escritos, v. 2). p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013b. (Ditos e escritos, v. 2). p. 40-55.

FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e pós-estruturalismo. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013c. (Ditos e escritos, v. 2). p. 322-350.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é “a Atualidade”. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013d. (Ditos e escritos, v. 2).

FOUCAULT, Michel. Resposta ao círculo de epistemologia. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013e. (Ditos e escritos, v. 2). p. 82-118.

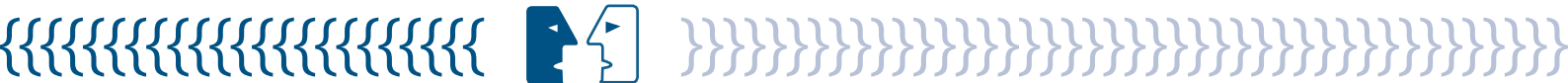
FOUCAULT, Michel. Retornar a história. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013f. (Ditos e escritos, v. 2). p. 260-281.

FOUCAULT, Michel. A vida: a experiência e a ciência. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013g. (Ditos e escritos, v. 2). p. 352-366.

FOUCAULT, Michel. Introdução a edição inglesa. *In: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013h. (Ditos e escritos, v. 2).

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. *In: FOUCAULT, Michel. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária, 2011a. (Ditos e escritos, v. 3). p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In: FOUCAULT, Michel.*



*Repensar à política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013i. (Ditos e escritos, v. 6). p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma questão. *In*: FOUCAULT, Michel. *Repensar à política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013j. (Ditos e escritos, v. 6). p. 1-24.

FOUCAULT, Michel. Foucault Responde a Sartre. *In*: FOUCAULT, Michel. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b. (Ditos e escritos, v. 7). p. 169-175.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011c. (Ditos e escritos, v. 7).

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. *In*: FOUCAULT, Michel. *Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011d. (Ditos e escritos, v. 7). p. 146-147.

FOUCAULT, Michel. O que é o senhor, professor Foucault? *In*: FOUCAULT, Michel. *Filosofia, diagnóstico do presente e verdade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c. (Ditos e escritos, v. 10).

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007c.

JAQUET, Gabriela Menezes. *A condução de si e dos outros através de uma acontecimentalização da história em michel foucault*. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

VALLEJO, Mauro. Michel Foucault y el estructuralismo: un sacerdocio apócrifo. *In*: VALLEJO, M.; RODRÍGUEZ, F. *El estructuralismo en sus márgenes: ensayos sobre críticos y disidentes: Althusser, Deleuze, Foucault, Lacan y Ricoeur*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2011. p. 137-185.

STRAUSS, Claude Lévi. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

### Notas

<sup>1</sup>Este artigo é parte de uma tese de doutorado defendida na Unesp/Assis em 2018. Essa pesquisa foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

<sup>2</sup>Professor colaborador pelo departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisador estagiário no programa de pós-doutorado pela Universidade Estadual de Londrina.



<sup>3</sup>Nas duas apropriações sobre o Estruturalismo realizada pela pesquisa arqueológica de Michel Foucault, o Estruturalismo foi compreendido como um método histórico e como um objeto histórico.

<sup>4</sup>Esse tema sobre a origem histórica-epistemológica do estruturalismo foi abordado por Michel Foucault no capítulo X “*As Ciências Humanas*”, e permitiu ao filósofo descobrir em termos de estrutura como se deu a formação do próprio estruturalismo, assim, ele pôde apresentar a emergência do método estrutural como resultado de uma nova organização epistemológica promovida fundamentalmente pela ação das disciplinas chamadas de contra – ciências na modernidade.

<sup>5</sup>De acordo com Michel Foucault foi por essa segunda via que o estruturalismo se tornou possível como pensamento e prática teórica-metodológica através da intersecção discursiva composta pela etnologia, psicanálise e linguística, as chamadas contra-ciências.

<sup>6</sup>De acordo com Foucault a partir do desenvolvimento do estruturalismo, o homem (sujeito) não cessa de desaparecer em função da revelação das mais diversas estruturas (psicológicas, linguísticas, culturais e econômicas) que compõem nossa realidade.

<sup>7</sup>Michel Foucault abordou essa temática no como o filósofo mostrou no capítulo final de *As Palavras e as Coisas*, intitulado as “*Ciências Humanas*”.

<sup>8</sup>De acordo com Foucault, fazer parte de um mesmo plano epistêmico dentre outras coisas acarreta em estar imerso no mesmo aquário de problemas e soluções, assim como compartilhar de um mesmo solo epistêmico nivela esses dois estilos totalmente opostos de concepção teórico metodológica num mesmo ou regime histórico de racionalidade

<sup>9</sup>Em uma entrevista em 1969, intitulada, *Michel Foucault Explica seu Último Livro*, referente ao trabalho desenvolvido em *A Arqueologia do Saber*, Foucault se referiu em determinado momento da entrevista como, e de que maneira, ele tinha feito sua pesquisa no livro anterior, *As Palavras e as Coisas*, vejamos como o filósofo definiu essa situação sobre sua pesquisa arqueológica no trabalho de 1966: “[...] *Tentei analisar os próprios discursos, ou seja, essas práticas discursivas que são intermediárias entre as palavras e as coisas. Essas práticas discursivas a partir das quais se pode definir o que são as coisas situar o uso das palavras [...]. Tento fazer outra coisa e mostrar que havia, em um discurso como a história natural, regras de formação dos objetos (que não são as regras de utilização da palavra) regras de formação de conceitos (que não são leis de sintaxe), regras de formação das teorias (que não são regras de dedução, nem regras retóricas). São essas regras postas em ação por uma prática discursiva em um momento dado que explicam que tal coisa seja vista (ou omitida); que ela seja enfocada sob tal aspecto e analisada em tal nível; que tal palavra seja empregada com tal significação e em um tal tipo de frase. Consequentemente, a análise a partir das coisas e a análise a partir das palavras apareciam nesse momento como secundárias em relação a uma análise primeira, que seria a análise da prática discursiva.*” Cf: Foucault (2013a., p. 155-156).

<sup>10</sup>Em uma referência dupla ao estruturalismo, tanto no sentido em que a sua própria pesquisa desenvolvida em *As Palavras e as Coisas*, representou, a introdução em um específico domínio para a pesquisa nas ciências humanas, de um estilo de análise metodológica, do qual ainda não haviam sido realizadas análises como a que foi efetuada por Michel Foucault.

<sup>11</sup>Para Dreyfus e Rabinow o interesse de Michel Foucault pelo *Estruturalismo* se justifica



na prática de suas próprias descrições discursivas do período arqueológico, no qual seu interesse estava centrado na “*análise de sistemas institucionais e práticas discursivas historicamente e estruturalmente situado*”. Cf: Dreyfus e Rabinow, (2010, p. 23).

<sup>12</sup>Essa questão não foi respondida nem explicada em *As Palavras e as Coisas*, contudo, em textos posteriores como: *Linguística e Ciências Sociais, Retornar a História, Resposta a uma Questão* e *A Arqueologia do Saber*, Michel Foucault se propôs a explicar como ele pôde fazer do Estruturalismo um método para a análise histórica sobre as mudanças e rupturas epistêmicas.

<sup>13</sup>Michel Foucault foi acusado por muitos críticos em não ter explicado de fato as causas e razões que justifiquem as mudanças epistemológicas, diante disso ele foi convidado a pelo círculo de Epistemologia francesa a esclarecer seu programa arqueológico. Esse esclarecimento foi transformando num texto publicado em 1968 chamado: *Resposta a Uma Questão*.

<sup>14</sup>*Se interrogamos aqueles que atacam o estruturalismo, temos a impressão de que eles veem em todos nós alguns traços comuns que provocam sua desconfiança e até mesmo sua cólera. Se em contrapartida, você interrogar Lévi-Strauss, Lacan, Althusser ou eu mesmo, cada um de nós declarará não ter nada em comum com os outros três. Aliás, os três nada têm em comum entre si. [...] Desde que se vê o problema do interior, descobrem-se apenas diferenças.* CF: Foucault (2011c, p. 159).

<sup>15</sup>É importante destacarmos que não estamos negando que Foucault tenha realizado análises estruturalistas, o que estamos concluindo, é o fato de que sua motivação para desenvolver esse estilo de análise, não foi necessariamente para atuar como um pesquisador estruturalista, como o foram, Strauss e Lacan. Mas seu interesse foi estratégico, tendo em vista o grande desenvolvimento científico e filosófico balizado pelas análises estruturais, em contraste, com a falência da grade fenomenológica